

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

SILMARA APARECIDA PONCIANO

**VALORIZAÇÃO E RESGATE DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS EM
ALUNOS ORIUNDOS DA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE
TOMAZINA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

SILMARA APARECIDA PONCIANO

**VALORIZAÇÃO E RESGATE DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS EM
ALUNOS ORIUNDOS DA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE
TOMAZINA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Ibaiti, Paraná, na Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Professora Dr^a Maria Fatima Menegazzo Nicodem

MEDIANEIRA

2014



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de
Ensino



TERMO DE APROVAÇÃO

Valorização e resgate das variedades linguísticas em alunos oriundos da Zona Rural do município de Tomazina

Por

Silmara Aparecida Ponciano

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia 01 de novembro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Ibaiti Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Professora Dr^a Maria Fatima Menegazzo Nicodem

UTFPR – Câmpus Medianeira

Orientadora

Prof Dr.

UTFPR – Câmpus Medianeira

Membro

Prof^a. M.Sc.

UTFPR – Câmpus Medianeira

Membro

Dedico este trabalho aos meus pais Mário e Zilda, aos meus filhos Pedro Henrique e Mariana pelas orações e apoio. Ao meu marido Laércio pelo carinho, compreensão e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado perseverança e sabedoria para atingir essa vitória.

Aos meus familiares e amigos que me ajudaram e apoiaram durante todo o percurso.

À professora orientadora, Maria Fatima Menegazzo Nicodem, pelo excelente acompanhamento e direcionamento oferecidos durante o desenvolvimento deste trabalho.

“A linguagem é o bem mais precioso e também o mais perigoso que foi dado ao homem.”

Friedrich Holderlin

RESUMO

PONCIANO, Silmara Aparecida. Valorização e resgate das variedades linguísticas em alunos oriundos da zona rural do município de Tomazina. 2014. Número de folhas: 42. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho teve como temática suscitar reflexões acerca da Variação Linguística e do preconceito e discriminação que sofrem os alunos que utilizam variedades linguísticas diferentes da estabelecida como padrão, reconhecendo sua importância dentro da Língua Portuguesa. Levando em conta que a Variação Linguística é um tema bastante complexo uma vez que envolve questões de identidade, estigma, discriminação, preconceito, norma, prestígio social e muitos outros. Temas esses que quando não são abordados de forma adequada, em vez de promover a conscientização e o avanço da cidadania, podem gerar preconceito e constrangimentos. Contudo a escola, de modo geral, não tem levado em consideração as variações linguísticas de seus alunos, com este trabalho objetiva-se mostrar que não há um modelo único de língua e que essas variações devem ser respeitadas e valorizadas integrando-as aos conteúdos.

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Identidade. Conscientização.

ABSTRACT

PONCIANO, Silmara Aparecida. Valuation and redemption of linguistic varieties in students from the rural municipality of Tomazina. 2014. Número de folhas: 42. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work aimed to elicit thematic reflections on Linguistic Variation and the prejudice and discrimination faced by students who use different linguistic varieties as the established standard, recognizing its importance in the Portuguese language. Taking into account that the Linguistic Variation is a rather complex issue because it involves issues of identity, stigma, discrimination, prejudice, rule, social prestige and many others. That when these issues are not addressed properly, instead of promoting awareness and the advancement of citizenship, may generate prejudice and constraints. But the school, in general, has not taken into account the linguistic variations of their students, this work aims to show that there is no single model language, and that these variations must be respected and valued integrating them to the content.

Keywords: Linguistic Prejudice. Identity. Awareness

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	11
2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1 ENTENDENDO UM POUCO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	15
3.2 O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?	18
3.3 A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DOS GRUPOS SOCIAIS	19
3.4 VARIEDADES OU ATRIBUTOS DEVIDO À SITUAÇÃO	23
3.4 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA	25
3.5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS	26
3.6 É PRECISO SABER GRAMÁTICA PARA FALAR E ESCREVER BEM	27
4 - ANÁLISE DOS DADOS À LUZ DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	41
APÊNDICE 1	42

1 INTRODUÇÃO

Se reconhece que a escola – apesar de vasta bibliografia referente aos estudos sociolinguísticos – ainda não tomou consciência da necessidade de se respeitar e valorizar as variantes linguísticas de seus alunos em relação ao ensino da língua materna. Ao agir de forma autoritária e preconceituosa a escola acaba desestimulando o aluno, contribuindo para que muitos abandonem os estudos por sentirem-se incapazes de aprender a língua padrão. Nesse sentido, este projeto tem como objetivo sugerir aos professores das diversas disciplinas uma proposta de trabalho que valorize e resgate as variedades linguísticas.

Como professora de Língua Portuguesa, atuante em escolas rurais da região do município de Tomazina, percebi a necessidade desse trabalho, visto que a escola lugar onde, supostamente, o aluno deveria adquirir competências e habilidades para atuar na sociedade de modo ativo – não tem respeitado as variações linguísticas dos alunos, discriminando aqueles que não dominam a variante culta, não desempenhando, assim o seu papel com competência. O ponto chave nesse processo é o professor, uma vez que assiste a ele conhecer os porquês das variações linguísticas, respeitar essas variações, e criar estratégias para que o aluno possa aprender efetivamente o que foi ensinado, pois, segundo Bagno (2002, 32) “não existe erro em língua, o que existe são variações e mudanças, e a variação e a mudança não são acidentes de percurso.”

De acordo com Calvet (2002), a política linguística tem como objetivo a língua em todas as suas dimensões, considerando a sua relação de poder, seu uso, o modo como é ensinada, seu status e das questões relacionadas aos direitos e patrimônio linguístico, no âmbito dos Estados. É com o objetivo de resgatar a cultura, a língua e a identidade que estão sendo implantadas políticas públicas municipais e estaduais.

Diante desse panorama exposto abre-se um grande leque para pesquisa e investigação, visto que a valorização e resgate das variedades linguísticas, nunca foi objeto de estudo dessa região, ficando a história, a cultura e a língua desse povo no anonimato, pois há muitos vocábulos não padrão que se não forem resgatados logo serão esquecidos. A reflexão e a conscientização do uso das variantes linguísticas são importantes, visto que a língua desempenha papel preponderante na sociedade, - seja na forma oral ou escrita – é por meio dela que torna-se possível o contato com o mundo que nos cerca e a atuação sobre ele.

O objetivo geral desta monografia centrou-se em analisar metodologias que subsidiarão a valorização e o resgate das variedades linguísticas. Como objetivos

específicos, buscou-se: perceber que a Língua Portuguesa é constituída por diferentes variedades linguísticas; conceituar e definir variedades linguísticas; respeitar e valorizar as variedades linguísticas regionais; e, por fim, orientar os alunos como proceder em situações de desrespeito e desvalorização das variações linguísticas

.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O termo “pesquisa de campo” é normalmente utilizado para descrever um tipo de pesquisa feito nos lugares da vida cotidiana e fora do laboratório ou das salas de aulas. Nesta ótica, o pesquisador ou pesquisadora vai ao campo para coletar dados que serão depois analisados utilizando uma variedade de métodos tanto para a coleta quanto para a análise.

A pesquisa de campo procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. Exige também a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para o registro e análise. Dependendo das técnicas de coleta, análise e interpretação dos dados. A pesquisa poderá ser classificada como de abordagem predominantemente quantitativa ou qualitativa. Segundo Franco(1995) numa pesquisa em que a abordagem é basicamente quantitativa, o pesquisador se limita à descrição factual deste ou daquele evento. Ignorando a complexidade da realidade social.

Os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam esta pesquisa partem da Sociolinguística e são baseados em estudos de autores que abordam a identidade e os aspectos linguísticos na sociedade sob diversos ângulos. Foram utilizados autores como Calvet (2007), Preti (1982), Possenti (2002), Bagno (2002), Faraco (1998), Jakobson (2004), Bortoni Ricardo (2004), entre outros que se debruçaram a estudar os processos de socialização e aculturação, além da valorização das línguas por meio de gerações.

A pesquisa desenvolveu-se na sala de aula, após conversas informais que levaram a perceber que os alunos traziam de suas casas palavras ou expressões desconhecidas por nós professores. A partir daí abriu-se um leque de discussões e observações acerca da variação e resgate das variedades linguísticas utilizadas pelos alunos.

A pesquisa-ação foi uma das metodologias: utilizou-se análise, coleta de dados e conceituação dos problemas, planejamento da ação e execução já que a pesquisa objetivou estudar os problemas de modo a orientar, corrigir e avaliar ações e decisões.

Essa pesquisa proporciona um processo de reflexão-ação-reflexão que ajuda aos professores a ter clareza sobre sua prática em sala de aula, promovendo mudanças atitudinais necessárias para assegurar uma boa formação dos futuros professores. Dessa

forma irá gerar mudanças na cultura escolar, criando comunidades de investigação que contribuirá para práticas participativas e democráticas e fazendo surgir uma resignificação do conceito de professor, de aluno, de aula e de aprendizagem. Ela possui uma base empírica que é concebida e realizada através de uma relação estreita com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os participantes dessa pesquisa estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Os pesquisadores que estão envolvidos nessa pesquisa devem ter uma flexibilidade na aceitação dos pontos de vistas dos participantes, desenvolvendo uma abertura para aceitar os resultados que venham a ser divergentes. A pesquisa-ação deve funcionar como uma metodologia estrutural de uma pesquisa pedagógica que tem como objetivo estimular a expressão na tomada de decisões.

A pesquisa deu-se com alunos oriundos da zona rural das cercanias da cidade de Tomazina, Paraná, através das aulas , de questionários e entrevistas informais.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O embasamento que norteia esta monografia fundamenta-se na Sociolinguística baseado em estudos de autores que abordam a identidade e os aspectos linguísticos na sociedade sobre diversos ângulos tais como: Calvet (2007), Preti (1982), Possenti (2002), Bagno (2002), Faraco (1998), Jakobson (2004), Bortoni-Ricardo (2004) entre outros que se debruçaram a estudar os processos de socialização, aculturação e valorização das línguas através de gerações.

Para Bagno (2002), a Sociolinguística desde o seu nascimento demonstrou preocupação com as questões educativas.

Suas primeiras manifestações a esse respeito podem ser encontradas no empenho dos estudiosos em refutar o chamado preconceito linguístico e em recomendar que a língua efetivamente usada nas comunidades de fala fosse considerada na pedagogia de língua materna.

Logo, a realidade encontrada nas escolas mostra o favorecimento da língua culta ou língua padrão, sem respeitar a variedade linguística dos alunos. Fato que pode ter como consequência o bloqueio da expressividade oral e escrita dentro da escola.

O autor diz que é comum professores de Língua Portuguesa, não respeitarem as variedades linguísticas dos alunos, taxando como erro uma determinada expressão que não faz parte da norma culta, ou então, não compreenderem que aceitando a variação a escola não deve abandonar a linguagem culta, pois, esta também faz parte de realidade social do cidadão.

3.1 ENTENDENDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Segundo Bagno (2002), sabe-se que nenhuma língua é invariável, ou seja, todas se alteram no tempo e no espaço, pois a sociedade não é homogênea, e as pessoas, apesar de serem semelhantes em alguns aspectos, são diferentes em outros. Logo, a língua usada pelas pessoas na interação comunicativa passará por variações, pois apresenta “marcas” típicas dos falantes que dela fazem uso. Nesse sentido, convém ressaltar que as línguas não variam somente de acordo com o espaço, o grupo social e mudam de acordo com o tempo.

As classes mais privilegiadas não aceitam com naturalidade as variações linguísticas discriminando-as, tachando-as de pobres, estropiadas, entre outros adjetivos com conotação pejorativa. Contudo, faz-se importante ressaltar que o preconceito linguístico não é um fenômeno atual existe desde que as sociedades dominantes elegeram e instituíram uma variante como padrão.

Para o autor Faraco (1998), ao se tomar como parâmetros os estudos de linguagem desenvolvidos pelos gregos, observa-se que a gramática era descrita como um conjunto finito de regras que respondiam pelo falar e escrever bem; quem não falasse a língua grega era bárbaro, ou seja, balbuciava como pássaros. Essa postura gramatical foi adotada pelos romanos, que impuseram o latim a todos os povos a quem dominavam.

Segundo a história, o povo não falava o latim clássico e com o passar do tempo o latim foi se transformando, dando origem às línguas neolatinas.

Não há, no período em que o latim predominava muitos documentos escritos em latim vulgar que possam comprovar o preconceito, quanto às variações linguísticas, mas podemos citar por exemplo o “*Appendix Probi*”, obra cujo autor é desconhecido, mas que deixa explícita a preocupação de corrigir o latim dos “ignorantes”. Isso demonstra que a preocupação com o bem falar não é atual, e se havia a preocupação com o “falar correto”, logo discriminava-se quem fugisse às normas.

Como se pode observar, tanto o fenômeno da variação, quanto o da discriminação, perduram até hoje. Assim, as variantes linguísticas de uma pessoa fazem com que ela seja ridicularizada, marginalizada sob acusações de que não sabe falar e muito menos escrever.

Como afirma BAGNO (2002) esse preconceito está arraigado, de modo geral, na sociedade e nas escolas que julgam e prescrevem como as pessoas devem falar, escrever e determinam conceitos de certo e errado.

Essa prática preconceituosa originou-se dentro de padrões de ensino que se perpetuam ao longo dos anos, em que a verdadeira língua, vista pela sua constante evolução é deixada de lado, considerando-se somente sua gramática, como se a língua funcionasse somente dentro de um sistema de normas e regras e, nesse sentido, quem foge à regra é excluído.

Não é exagero afirmar que excluir tem sido a prática pedagógica de milhões de professores no Brasil, uma vez que a maioria repudia e discrimina as variedades linguísticas, tachando-as como erros, levando seus alunos não só ao fracasso escolar, mas também ao fracasso pessoal.

A não aceitação da diversidade linguística do aluno gera a criação de mitos na escola que acabam perpetuando-se na sociedade de forma preconceituosa, especialmente quando a língua é usada para definir classes sociais. Esse com certeza é um dos maiores mitos, pois a não valorização dos falares dos alunos, transforma-os em alunos receosos de expor suas opiniões.

Bagno (2003) trata de forma enfática esses mitos afirmando que a imposição de regras gramaticais foi o princípio desse preconceito. “É preciso saber gramática para falar e escrever”. (BAGNO, 2003, p.62) O autor postula que se fosse assim, todos os gramáticos seriam especialistas em gramática normativa, fato que não é verdadeiro.

Outro mito arraigado na sociedade é o que a “norma culta é um instrumento de ascensão social” (BAGNO, 2003, p.69). O mencionado autor refuta esse mito dizendo que se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão social na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país.

Bagno (2004) analisa regras que para os gramáticos são incontestáveis e, faz a mesma análise sob o ponto de vista sociolinguístico, explicando as origens das palavras e o porquê de as pessoas falarem de determinada forma que não está na gramática, critica o preconceito e também o fato de os gramáticos usarem tanto a palavra “erro”.

O que quero mostrar é muito simples: Quero mostrar que muitas coisas que a gente pensa que está errada, que é fala de gente ignorante, na verdade não é nada disso. De fato, esses supostos erros são heranças muito antigas, vestígios de outros tempos, verdadeiros fósforos linguísticos. (BAGNO, 2004, p.79)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, afirmam que a escola tem a obrigação de ensinar a norma culta, porém, sempre valorizando e respeitando as variações linguísticas de seu alunado. Quando essa variação não é respeitada quebra-se o ciclo natural da língua, de ser evolutiva, gerando então o preconceito linguístico.

3.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.

Bortoni-Ricardo (2004) define que a linguagem é a característica que nos difere dos demais seres, permitindo-nos a oportunidade de expressar sentimentos, revelar conhecimentos, expor nossa opinião frente aos assuntos relacionados ao nosso cotidiano, e, sobretudo, promovendo nossa inserção ao convívio social.

Segundo a autora Bortoni-Ricardo (2004), dentre os fatores que a ela se relacionam destacam-se os níveis da fala, que são basicamente dois: O nível de formalidade e o de informalidade.

O padrão formal está diretamente ligado à linguagem escrita, restringindo-se às normas gramaticais de um modo geral. Razão pela qual nunca escrevemos da mesma maneira que falamos. Este fator foi determinante para que a mesma pudesse exercer total soberania sobre as demais.

Quanto ao nível informal, este por sua vez representa o estilo considerado “de menor prestígio”, e isto tem gerado controvérsias entre os estudos da língua, uma vez que para a sociedade, aquela pessoa que fala ou escreve de maneira errônea é considerada “inculta”, tornando-se desta forma um estigma.

Compondo o quadro do padrão informal da linguagem, estão as chamadas variedades linguísticas, as quais representam as variações de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada.

Dentro de uma mesma região, as pessoas formam pequenas comunidades que acabam criando, por repetição de hábitos e tendências, suas características, até não compreendido por outras comunidades: presidiários, internauta, trabalhadores rurais, os urbanos, os políticos etc... O que é importante compreender é que essas variações não devem ser vistas como “erro” e sim – variações. Até mesmo a questão do uso da “Norma-não-padrão” não pode ser discriminada. Muitas vezes, ela prende-se a raízes perfeitamente históricas e a leis que a própria língua protege, tais como, economia, suficiência e necessidade.

Portanto para as concepções sociolinguísticas, a língua está em constante instabilidade, cujas mudanças estão ligadas a diversos fatores como: regionais, históricos e socioculturais entre outros. Assim a Variação Linguística está diretamente ligada com a heterogeneidade da língua, ou seja, às mudanças, as transformações que ocorrem na língua. Para facilitar o estudo das línguas e da linguagem humana, propôs no começo do século XX, a separação de língua falada e escrita, sendo língua “um sistema abstrato,

partilhado por uma comunidade de falantes, que a fala está encarregada de tornar real”. (SAUSSURE,1913, p.45).

Não há dúvidas que as línguas se aumentam e se alteram com o tempo e as necessidades de usos e costumes. Querer que a nossa parasse no século de quinhentos, que sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito à influência do povo é decisiva. (MACHADO,1990, p.31).

A língua que falamos, não importando a sociedade a que pertencemos, a época, e o lugar, será sempre heterogênea, diversificada, a instável, sujeita a transformações. “Seria estranho se nossa língua permanecesse estável”. (BAGNO, 2007, p.37).

3.3 A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DOS GRUPOS SOCIAIS

Segundo Preti (1994), o mundo em que vivemos é cercado por signos linguísticos e as inúmeras possibilidades comunicativas começam a ser reais, a partir do momento em que pela imitação ou associação formulamos nossas mensagens.

A vida em sociedade depende da comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, seja ela em sua forma oral ou através de seu código substitutivo escrito.

A língua age como um elemento de interação entre o homem e a sociedade em que ele atua e é por meio dela que se reflete a diversidade social das comunidades, variando de acordo com parâmetros, tais como espaço geográfico, o espaço social, o espaço temático.

Dentro do espaço geográfico a variação linguística envolve os dialetos ou os falares próprios, que sofrem influência da região, cidade, vila, ou aldeia, dentro do espaço social envolve a família, classe, padrão social, atividades habituais e no espaço temático envolve os assuntos de formas culta ou populares que se tornam adequadas às formas e esquemas combinatórios com o momento em que o falante expressa-se.

Por isso, pode-se dizer que dentro do próprio grupo, o indivíduo usa formas diferentes de conversação. A escolha das palavras se dá segundo a camada social em que ele se encontra no momento, a linguagem toma diferente colorido segundo o tema e o local onde se encontram os falantes.

De acordo com Preti (1994), os estudos acerca da variação linguística podem ser divididos em dois campos:

No primeiro estariam as Variedades Geográficas (diatrópicas) que são aquelas que ocorrem num plano horizontal dentro das comunidades. Nesse campo enquadram-se os regionalismos ou falares locais. As variedades geográficas conduzem a uma oposição fundamental: linguagem rural/linguagem urbana, a primeira isolada e a segunda mais comum, usada no cotidiano pela maioria dos indivíduos. Essa variedade caracteriza-se por uma tendência niveladora.

No segundo campo enquadram-se as variedades socioculturais (diastráticas) que ocorrem num plano vertical. Essas variedades podem ser influenciadas por fatores ligados diretamente ao falante, pois o falante geralmente adota comportamento (s) semelhantes (s) ao das pessoas com quem convive no meio social – ou a situação ou a ambos ao mesmo tempo.

Segundo o autor Preti (1994) existe as variedades atribuídas ao falante ou ao grupo que são :

Idade: ao se observar a linguagem do adulto, do jovem e da criança, percebem-se claramente as diferenças existentes entre elas. Por exemplo: o velho usa um vocabulário mais arcaico, o jovem emprega um vocabulário mais neológico e a criança tem um vocabulário mais restrito.

Sexo: a mulher é mais delicada no falar, usa mais diminutivos e marcadores conversacionais como: aí, então, etc ; enquanto o homem utiliza mais palavrões e gírias. Atualmente, com o nivelamento das funções homem/mulher, não há tantas diferenças entre a linguagem do homem e a da mulher.

Raça ou cultura: os fatores etnológicos também são responsáveis pelas variações linguísticas. Podemos citar como exemplo os locais onde há predominância de imigrantes: japonese, chineses, alemães, africano, etc.

Nível de escolarização: quanto maior o grau de instrução, mais próximo da norma culta fica o falante.

Profissão: a profissão é determinante nas variações linguísticas, visto que o falante vai fazer uso de um vocabulário condizente com a sua atividade.

Posição social: a posição social exige do indivíduo uma linguagem diferenciada para que seja distinguido no grupo em que atua. Assim, dependendo da posição social que ocupa, sua linguagem será adequada a ela.

Grau de escolaridade: o grau de escolaridade do indivíduo também é determinante das variações linguísticas, ou seja, dependendo do grau de escolaridade do falante, a escolha lexical, por exemplo, poderá ser mais ou menos elaborada de acordo com o contexto situacional.

Local de residência do falante: não se trata de influência regional, mas de variedades no cerne de uma mesma comunidade, ou seja, as diferenças podem ser ditadas por bairros, por exemplo.

Não obstante os diversos fatores de influência linguística, as variedades são percebidas em menor ou maior grau em quase todas as pessoas, independentemente de sua classe social. Assim, a variedade linguística sociocultural está estritamente condicionada à peculiaridade do indivíduo, ou seja, às suas características pessoais no âmbito da comunidade em que vive e ao grupo a que pertence.

Sobre as necessidades de cada falante,

podemos dizer que esses atributos são estruturais, isto é, fazem parte da individualidade do falante. Há outros fatores que não são estruturais, mas sim funcionais. Resultam da dinâmica das interações sociais. Podemos, então dizer que a variação linguística depende de fatores sócio estruturais e de fatores sócio funcionais. Mas não podemos nos esquecer de que aquilo que a gente é influencia aquilo que a gente faz. Então, na prática, os fatores estruturais se inter-relacionam como os fatores funcionais na conformação dos repertórios sociolinguísticos dos falantes. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.60)

Segundo Preti (1994) é possível descrever um sistema de variedades socioculturais da linguagem de qualquer área geográfica. Ele denomina essas variedades de dialetos sociais. O autor afirma que “um dialeto é uma variedade de uma língua diferenciada de acordo com o usuário, grupos diferentes de pessoas no interior da comunidade linguística falam diferentes dialetos” (PRETI, 1994, p. 48)

O dialeto social pode ser popular ou culto.

Dialeto social popular: caracteriza-se por uma linguagem mais simples, comum. Tem como aspectos marcantes a economia nas marcas de gênero, número e pessoa; redução das pessoas gramaticais do verbo, falta de correlação verbal entre os tempos,

maior emprego da voz ativa, predomínio das regências diretas nos verbos e emprego dos pronomes pessoais do caso reto como objetos.

Dialeto social culto: caracteriza-se por uma linguagem de maior prestígio, onde podemos notar indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa, uso das pessoas gramaticais do verbo, emprego dos modos e tempos verbais, organização gramatical precisa das frases utilização da voz passiva e maior variedade na construção da frase.

Assim, de acordo com o autor Preti (1994), as variedades faladas por grupos de maior político e econômico são vistas como variedades mais elegantes e até mais corretas, cuja variante linguística é denominada de culta ou padrão; enquanto o dialeto falado por um grupo de poder socioeconômico inferior é considerado ideologicamente ruim, incorreto e essa(s) variante(s) linguísticas são denominadas de linguagem popular, sub-padrão ou vulgar.

Geralmente, são empregadas pelos mais escolarizados em situações de menor formalidade. É importante ressaltar, porém que a primeira só tem prestígio por ser falada por grupos de maior poder aquisitivo, nada tem de intrinsecamente superior à modalidade não-padrão.

Convém lembrar ainda que o domínio da norma padrão está restrito a poucas pessoas e mesmo essas poucas pessoas não fazem uso contínuo dessa variedade. Por exemplo, um político na assembleia usa um dialeto mais refinado, enquanto em um comício, utiliza-se da superposição de dialeto, trocando o requinte linguístico pelo popular para transmitir sua mensagem e atingir seu objetivo.

No ensino da língua predomina em sua totalidade a prática do dialeto culto, pois tem como objetivo criar uma instância de controle da variação linguística, não só viabilizando a comunicação entre todas as regiões, como também facilitando a leitura e interpretação dos mais diversos textos formais.

De acordo com o exposto, fica evidente que o dialeto culto é a prática que se pretende alcançar em uma sociedade, uma vez que é esta a dinâmica que se observa em todos os aspectos formais, literatura, comunicação, e principalmente, no ensino institucionalizado, etc. Além disso, é o dialeto padrão que enquadrará o sujeito falante no grupo dos intelectualmente letrados.

Nesse sentido, como nos afirma o autor Preti (1994) a predominância do dialeto culto é uma exigência da classe dominante, a fim de sustentar o *status quo*, pois ao flexibilizar

este dialeto, conseqüentemente, haverá a possibilidade de se flexibilizar sua autoridade, ameaçando, em função disso, poder.

Preti (1994), comparando o emprego de vocábulos entre os dois dialetos postula que não é possível delimitar a fronteira de ação dos dialetos padrão e popular, uma vez que há grande número de palavras que são usadas em ambos os dialetos e desse modo, o referido autor vai propor o estabelecimento de um dialeto social intermediário, que ele denomina de linguagem comum, ou dialeto social comum.

Segundo o referido autor, o dialeto social comum teria como objetivo servir de intermediário entre o dialeto culto e o popular, tendo, por conseguinte maior aceitação nas camadas de uma classe detentora de certo grau de instrução, nos meios de comunicação e também na escola que estivesse preocupada em levar em consideração as variações socioculturais no ensino da língua materna.

Até o momento trata-se das variedades socioculturais provenientes dos usuários ou falantes da Língua, entretanto é importante ressaltar que é possível estudar as variedades sob enfoque do uso que um falante faz da língua, ou seja, da situação.

3.4 VARIEDADES OU ATRIBUTOS DEVIDO À SITUAÇÃO

Observam-se até agora as variedades diretamente ligadas ao falante, mas é possível analisar a variação linguística também devida à situação em que o falante se encontra.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), é o ambiente, na maioria das vezes, que irá determinar como e quando o falante deve se utilizar de determinada linguagem. Assim, em virtude das suas características flutuantes, a língua passa a ter relação com as circunstâncias em que o falante se encontra para uni-lo ao ouvinte pela prática do diálogo. Com isso pode-se dizer que um falante expressa-se de modos diversos em diferentes situações sociais.

O falante ao usar a língua no cotidiano- lar-festas-lugares onde não há normas usa-a de maneira despojada, sem policiamento. Porém quando vai usá-la em um lugar formal – como em uma reunião de trabalho, em uma assembleia política – tem uma preocupação maior em monitorar o seu estilo, visto que, deve usar a língua- padrão, que transmita a ideia sem transgressões.

Quando interagimos com pessoas de classes sociais diversificadas, observamos muitos usos linguísticos diferentes dos nossos. Bortoni-Ricardo (2004), diz que para entendermos esta variação na linguagem, devemos imaginar três linhas, chamadas de contínuos:

- O contínuo de urbanização;
- O contínuo de oralidade / letramento;
- O contínuo de monitoração estilística.

Assim, segundo a autora mencionada, o contínuo de urbanização faz uma distinção entre os falares rurais e os urbanos. Os falares urbanos, ao longo do tempo, vem recebendo mais influências nos processos de padronização da língua, uma vez que o processo de evolução é mais acelerado na zona urbana em virtude do progresso, dos meios de comunicação, da imprensa, das obras literárias e principalmente da escola, que procura padronizar a língua com o emprego de um dialeto único- o padrão. Já na zona rural, em virtude do isolamento e do difícil acesso aos meios de comunicação(hoje menos que no passado);as mudanças são mais lentas, permanecendo o dialeto natural, originário do povo nascido e criado nas fazendas.

Em meios a estes dois polos, o rural e o urbano, temos a zona rurbana, que é composta pelos migrantes de origem rural, que vão para as cidades, e preservando a sua tradição cultural, principalmente, no seu repertório linguístico, e pelas comunidades do interior que residem em pequenos núcleos que estão submetidos à influências urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária.

Dentro do contínuo de oralidade/letramento, temos simbolicamente o evento de oralidade ligado à zona urbana. Isso não quer dizer que ambos possam inverter a situação. O que ocasiona essa situação é que o evento de letramento ocorre sempre com uma leitura prévia do assunto, é algo que possui embasamento teórico, já no evento da oralidade o indivíduo fala espontaneamente sem nenhum ponto ou assunto pré-definido. Já o contínuo de monitoração estilística pressupõe que numa extremidade desse contínuo estão todas as interações espontâneas e na outra todas as outras interações planejadas pelo falante.

Ao longo de nossas conversas neste livro temos mostrado que os falantes alternam estilos monitorados, que exigem muita atenção e planejamento, e estilos não- monitorados realizados comum mínimo de atenção à forma da língua. Nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim exige, seja porque nosso interlocutor é poderoso ou tem

ascendência sobre nós, seja porque precisamos causar boa impressão ou ainda porque o assunto requer um tratamento muito cerimonioso. De modo geral, os fatores que nos levam a monitorar o estilo são: o ambiente, o interlocutor e o tópico de conversa.

(Bortoni-Ricardo,2004.p.62/63).

Nesse sentido, de acordo com a autora, o estilo de um interlocutor poderá torna-se mais ou menos monitorado em função do tópico, ou seja, do assunto que está sendo tratado (interlocutor domina bem o tema? É do seu agrado?,etc) do ambiente(formal, informal) do interlocutor (sua intenção, com quem fala).

3.4 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

Bagno (2002) afirma que todos os professores encontrarão diversas formas linguagem em sala de aula. E o dela uso entre professor e aluno, não será igual ao de aluno e aluno, meninos e meninas, assim como conversas informais e suas variações devido às diferenças de circunstâncias. Nas relações entre professor/aluno a pronuncia acaba por tomar um rumo não padrão, menos cuidadosos do que a que se refere ao diretor, coordenador. A linguagem coloquial traz a compreensão e a liberdade de interação do aluno na sala de aula, o professor se torna mais próximo do aluno devido ao estreitamento de diferenças orais.

Por muitos anos, a variedade não-padrão, assim classificada pelos linguistas, foi discriminada na sala de aula, onde a norma culta (norma padrão) teria de ser ensinada e empregada com fidelidade. Porém isto vem mudando com o passar dos anos e se descobrindo uma melhor maneira de discernir o que é erro, o que não é, respeitando e valorizando a sua oralidade e diferença cultural, buscando outras maneiras de mostrar ao alunos seus “erros”.

A fala que se entende como objeto de comunicação entre as pessoas, tornou-se objeto de separação, discriminação, e talvez de classificação de indivíduos. As marcas culturais de cada falante não o limita de interagir com o outro de cultura diferente ou região. Desse modo a escola terá uma importante tarefa, como mediadora de culturas, e trazendo para estes

falantes uma troca de informações. Porém a prática pedagógica ainda julga a língua materna, trazida pelo aluno, errada, mostrando que a norma padrão está distante da norma não padrão, o respeito a cada cultura traria a aproximação do aluno com a escola. “A tarefa educativa da escola, em relação à língua materna, é justamente criar condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e possa usar, com segurança, os recursos comunicativos que forem necessários para desempenhar-se bem em contextos sociais em que interagem. (BORTONI-RICARDO.p.78,2004).

O aluno, quando começa a ser alfabetizado, embora já possua suas próprias construções trazidas de oralidade cultural, encontra-se em grande confusão e terminações verbais que foge de sua compreensão e que talvez continuará assim por muito tempo. A dicotomia preconceituosa de separação da língua falada e da língua escrita sugere que a gramática deve ser empregada nas construções orais. “Falar como se escreve”. (BAGNO, 2007, p.81).

3.5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS

O Ministério da Educação (MEC) vem monitorando e diversificando os conteúdos dos livros didáticos nas disciplinas de Português e Matemática. Para isso, o MEC conta com uma equipe de especialistas na área que, após análise, elaboram o Catálogo do Livro Didático, para que os professores escolham o livro a ser adotado pela escola.

Um dos critérios específicos para o LD de Português (LDP), é “considerar a língua padrão no contexto da variação linguística, sem estigmatizar as demais variedades.” Além de ter por princípio” um tratamento da variação linguística que não se limite a fenômenos de prosódia (sotaque) ou de léxico (aipim, mandioca, macaxeira), mas que evidencie o fato de que a língua apresenta variabilidade em todos os seus níveis. Com o devido cuidado para não transmitir ao leitor-usuário a falsa ideia de que só existe variação na língua falada por pessoas sem escolarização formal, o que pode cristalizar a indesejada sinonímia variação = erro.

Assim, considerando o livro didático, o principal suporte do ensino-aprendizagem, é importante verificar como esse material está apresentando a variação linguística (VL), já que

há alguns anos a variação linguística na escola não existia com tema de ensino para a maioria dos professores de Português.

Como o principal papel da escola era enquadrar os alunos na norma padrão da língua portuguesa, um modelo idealizado de “língua certa”, os professores transformavam as aulas de Português em ensino da gramática normativa; a função do professor era corrigir o “português errado”, além de ensinar nomenclatura gramatical e análise gramatical, descontextualizadas.

Entretanto, a Sociolinguística com seus estudos empíricos sobre a heterogeneidade constitutiva das línguas humanas, determinam mudanças profundas na visão do que deve ser a prática dos professores nos diversos níveis de escolaridade.

Desse modo, de acordo com Bagno (2007), os livros didáticos de português deram espetacular salto de qualidade desde que, em 1996, foi instituído o programa nacional do livro didático (PNLD), por meio do qual o Ministério da Educação avalia compra e distribui os livros destinados ao ensino das diferentes disciplinas que compõem o currículo do ensino fundamental. Apesar disso, o tratamento das variações linguísticas nos livros didáticos e pelos professores continua sendo um tanto problemático.

Um dos principais problemas que encontramos nos livros didáticos é uma tendência de tratar a variação linguística em geral com sinônimo de variedades regionais rurais, ou qual de pessoas não escolarizadas.

3.6 É PRECISO SABER GRAMÁTICA PARA FALAR E ESCREVER BEM

Muitos pais condenam o ensino de língua menos conservador por algumas escolas, sob a crítica de que o livro didático não ensinava coisas “indispensáveis” como “antônimos, coletivos e análise sintática.”

Mário Perini (1996) afirma que não há evidências em tal declaração, porque se assim fosse, todos os gramáticos seriam grandes escritores e todos os bons escritores seriam especialistas em gramática, no entanto, são os primeiros a dizer que gramática não é com eles. “Um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo”. (LUFT, 1994, p.78)

O mito de que é preciso ensinar gramática para aprimorar o desempenho linguístico dos alunos chama a atenção para a "propaganda enganosa".

Quando justificamos o ensino de gramática dizendo que é para que os alunos venham a escrever (ou ler, ou falar) melhor, estamos prometendo uma mercadoria que não podemos entregar. Os alunos percebem isso com bastante clareza, embora talvez não possam explicitar; e esse é um dos fatores do descrédito da disciplina entre eles. (PERINI, 1996, p.50)

O preconceito entre língua escrita e falada existe desde antes de Cristo, mas o que precisa ser esclarecido é que o idioma não pode sofrer influência de uma linguagem artificializada, ensinando aos alunos que toda língua possui uma ortografia única e oficial para facilitar a compreensão da escrita pode-se dizer "bunito" ou "bonito" e somente escrever "bonito".

Nenhuma ortografia oficial da língua escrita consegue reproduzir a fala com total fidelidade. A escrita é apenas uma tentativa de representação da linguagem falada.

4 ANÁLISE DOS DADOS À LUZ DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de verificar o preconceito linguístico dos alunos e desmistificá-lo, realizamos uma pesquisa com os alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Capela São João e Escola Estadual Francisco Inácio de Oliveira , perfazendo um total de 60 alunos. A primeira escola citada situa-se na zona rural e a segunda na zona urbana.

A pesquisa consistiu em distribuir dez frases para cada aluno – algumas com desvios gramaticais – e foi perguntado a eles se, de acordo com a norma padrão, estavam corretas ou não; e que deveriam justificar suas respostas.

Nos quadros a seguir encontram-se as frases e o número de alunos que consideram cada frase “certa” ou “errada” e as justificativas.

QUADRO 1: Análise da Frase 1

Frases	Certo	Porque	Errado	Porque	Não souberam responder
O livro que gostei mais foi Dom Casmurro	45	Não conseguiram identificar nada que fugisse à regra. (ortografia)	14	Não souberam definir o que é Dom Casmurro, falta de conhecimento de mundo.	1

Fonte: dados colhidos pela autora durante a coleta de dados, 2014.

QUADRO 2: Análise da Frase 2

Frases	Certo	Porque	Errado	Porque	Não souberam responder
Nem as ervas do campo bem lhe bastaram.	20	O <i>lhe</i> é uma forma elegante de se escrever e falar, foi assim que aprenderam na escola.	39	Não conseguiram entender a frase devido ao pronome <i>lhe</i> .	1

Fonte: dados colhidos pela autora durante a coleta de dados, 2014.

QUADRO 3: Análise da Frase 3

Frases	Certo	Porque	Errado	Porque	Não souberam responder
Mais abaixo, os melhores se assentavam	30	Não encontraram nenhuma diferença ortográfica	29	Desconhecem a palavra assentavam, e tiveram dificuldades ao analisar a frase.	1

Fonte: dados colhidos pela autora durante a coleta de dados, 2014.

QUADRO 4: Análise da Frase 4

Frases	Certo	Porque	Errado	Porque	Não souberam responder
Isso é muito difícil para mim fazer sozinho.	20	Consideraram normal, afinal está escrito com a maioria dos falantes pronuncia.	40	Identificaram o problema no <i>mim</i> , o correto seria <i>eu</i> .	

Fonte: dados colhidos pela autora durante a coleta de dados, 2014.

QUADRO 5: Análise da Frase 5

Frases	Certo	Porque	Errado	Porque	Não souberam responder
Nessa padaria uns docinhos ótimos se comem.	6	Não encontraram problemas, pois pronunciam da mesma maneira.	53	Disseram que docinhos não se comem, pessoas comem	1

				docinhos.	
--	--	--	--	-----------	--

Fonte: dados colhidos pela autora durante a coleta de dados, 2014.

QUADRO 6: Análise da Frase 6

Frases	Certo	Porque	Errado	Porque	Não souberam responder
O pássaro avoa muito alto.	11	Não conseguiram identificar o problema, pois muitos pronunciam da mesma forma.	49	Identificaram problema no avoa, o correto seria voa.	

Fonte: dados colhidos pela autora durante a coleta de dados, 2014.

QUADRO 7: Análise da Frase 7

Frases	Certo	Porque	Errado	Porque	Não souberam responder
Ontem vi um homem na garage.	11	Utilizam essa pronúncia "garage"	48	Utilizam a pronúncia <i>garagem</i> .	1

Fonte: dados colhidos pela autora durante a coleta de dados, 2014.

QUADRO 8: Análise da Frase 8

Frases	Certo	Porque	Errado	Porque	Não souberam responder
O <i>corgo</i> que corta minha aldeia é lindo como o Rio Tejo.	27	Fazem uso da pronúncia <i>corgo</i> .	30	Consideram muito feio e caipira <i>corgo</i> , justificando que o correto é <i>córrego</i> .	3

Fonte: dados colhidos pela autora durante a coleta de dados, 2014.

QUADRO 9: Análise da Frase 9

Frases	Certo	Porque	Errado	Porque	Não souberam responder
O livro a que me referi foi Dom Quixote.	39	Consideraram elegante a expressão “a que me”.	16	Alegaram que o “a” da expressão não deveria estar ali.	5

Fonte: dados colhidos pela autora durante a coleta de dados, 2014.

QUADRO 10: Análise da Frase 10

Frases	Certo	Porque	Errado	Porque	Não souberam responder
Vende-se casas.	45	Utilizam a pronúncia <i>vende-se</i> .	11	Acreditam em que o verbo <i>vender</i> deve concordar com o plural de casas,	4

Fonte: dados colhidos pela autora durante a coleta de dados, 2014.

Ao analisar-se o resultado da pesquisa, podemos fazer as seguintes considerações:

1. O aluno está mais envolvido com sua cultura do que com as regras, um exemplo disso é o fato de muitos considerarem como corretas frases idênticas ao modo de sua pronúncia, desconsiderando o que a gramática postula.
2. Ao aluno é imposto as regras, mas o mais importante é deixado de lado, como por exemplo, muitos deles não tem um conhecimento de mundo necessário para análises textuais, sendo que em sua grande maioria desconhece esse tipo de trabalho.

3. Os alunos que mais se destacam em sala de aula, e com uma classe social melhor, conseguiram ver com clareza algumas diferenças consideradas erro, o que nos leva a crer que a escola é preconceituosa.
4. Alunos comportaram –se de modo preconceituoso em relação à palavra *corgo*, alegando que essa é a linguagem dos caipiras, o que concluímos que a escola estimula a reação adversa contra esse e outros tipos de cultura.

Por meio desta pesquisa, percebeu-se que a escola não tem levado em conta as diversidades e continua a utilizar métodos tradicionais, usados na época em que a escola era somente para quem detinha poder econômico e social, isto é, decorar regras e normas e o ensino de língua materna de total responsabilidade do professor de Língua Portuguesa. Partindo dessa visão tradicional, as variações linguísticas dos alunos, longe de serem respeitadas e levadas em consideração, são tachadas de “errôneas, estropiadas”.

O preconceito na escola é construído tendo por base o mito do “erro”.

Mas, o que é erro?

Saussure postulou que o ponto de vista constrói o objeto. Logo, o conceito de certo e errado deve ser revisto, pois o que pode ser errado para certas pessoas pode não ser para outras.

Diante dessas considerações podemos afirmar que deve haver uma grande mudança na educação e principalmente no ensino de língua materna. Educadores devem trabalhar a gramática de modo contextualizado, utilizando-se de textos diversos, elaborando análises, ensinando o aluno a fazer inferências, estimulando-o a pensar não só sobre sua realidade, mas também sobre a realidade do outro.

Pois, do ponto de vista científico não existe erro de português, todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, “capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado.” (BAGNO, 2003, p.124)

Devemos valorizar a cultura e respeitar as variedades linguísticas, realizando estudos, pesquisas e incentivo à leitura de textos que apresentem diversidades de linguagem, vendo a literatura como objeto de construção do pensamento e dando especial

valor à língua falada, não se utilizando apenas de um modelo padrão, mas fazer com que todos reflitam sobre os muitos modelos linguísticos que existem.

De acordo com Bagno (2003), existem três elementos que formam o círculo vicioso do preconceito linguístico: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos.

Portanto, todo o corpo escolar deve estar envolvido e comprometido com o ensino de língua, trabalhando, de forma interdisciplinar e até transdisciplinar, na elaboração de projetos para formação contínua do ser. Fazer com que o aluno veja sua realidade linguística através dos códigos matemáticos, da história, da filosofia e da política, entre outros. Segundo os parâmetros, é fundamental que o ensino da Língua Portuguesa seja contextualizado, valorizando as diferentes culturas, trabalhando com gêneros e textos diversos, inferências, intertextualidade, conhecimentos discursivos, para que o aluno reconheça-se como um ser atuante na sociedade.

Somente com a derrubada dos mitos, com a quebra do preconceito e com a mudança de atitude, nós, educadores, poderemos construir um país, onde a comunidade de fala brasileira poderá imperar pela sua diversidade cultural e não somente por seus problemas sociais e linguísticos.

Neste sentido, um dos préstimos deste trabalho, será a confecção conjunta de um dicionário regional, com vocábulos garimpados pelos alunos em suas casas e comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar, desmistificar o preconceito linguístico e valorizar as variedades da língua renovando a visão dos educadores, principalmente educadores de língua materna, incentivando-os a trabalhar a língua materna com instrumento de cultura social, valorizando todo tipo de variação linguística e valorizando o ser pensante como instrumento indispensável para a construção de uma sociedade crítica e estimulada. Sob este aspecto, chega-se às seguintes considerações:

1. O trabalho com as variações linguísticas possibilitou aos alunos se sentirem mais capazes e realizados diante da aprendizagem e não verdadeiros fracassados.
2. Foi possível também possibilitar ao aluno rever conceitos e quebrar preconceitos e aceitar o outro como igual em sua singularidade.
3. Para que a escola cumpra efetivamente o seu papel, faz-se necessário rever conceitos, analisar tudo que existe atrás do universo mágico da língua, ensinar aos alunos ler o mundo, a fim de que possam adquirir e construir conhecimentos.

Em resumo, o dever da escola é criar espaços para mudanças e realizações, educar para o mundo. Sem jamais construir muros entre erros e preconceitos.

Encerram-se as considerações finais com um poema bastante significativo, que mostra como é a nossa língua:

Língua

Caetano Veloso

Gosta de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões
 Gosto de ser e de estar
 E quero me dedicar a criar confusões de prosódia
 E uma profusão de paródias
 Que encurtem dores
 E furem cores como camaleões
 Gosto do Pessoa na pessoa
 Da rosa no Rosa
 E sei que a poesia está para a prosa
 Assim como o amor está para a amizade
 E quem há de negar que esta lhe é superior?
 E deixe os Portugais morrerem à míngua
 "Minha pátria é minha língua"
 Fala Mangueira! Fala!

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
 O que quer
 O que pode esta língua?
 Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
 E o falso inglês relax dos surfistas
 Sejamos imperialistas! Cadê? Sejamos imperialistas!
 Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda
 E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate
 E - xeque-mate - explique-nos Luanda
 Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
 Sejamos o lobo do lobo do homem
 Lobo do lobo do lobo do homem
 Adoro nomes
 Nomes em ã
 De coisas como rã e ímã
 Ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã
 Nomes de nomes
 Como Scarlet Moon de Chevalier, Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé
 e Maria da Fé
 Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
 O que quer
 O que pode esta língua?
 Se você tem uma idéia incrível é melhor fazer uma canção
 Está provado que só é possível filosofar em alemão
 Blitz quer dizer corisco
 Hollywood quer dizer Azevedo
 E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo
 A língua é minha pátria
 E eu não tenho pátria, tenho mátria
 E quero fráttria
 Poesia concreta, prosa caótica
 Ótica futura
 Samba-rap, chic-left com banana
 (- Será que ele está no Pão de Açúcar?
 - Tá craude brô
 - Você e tu
 - Lhe amo
 - Qué queu te faço, nego?
 - Bote ligeiro!
 - Ma'de brinquinho, Ricardo!? Teu tio vai ficar desesperado!
 - Ó Tavinho, põe camisola pra dentro, assim mais pareces um espantalho!
 - I like to spend some time in Mozambique
 - Arigatô, arigatô!)
 Nós canto-falamos como quem inveja negros
 Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
 Livros, discos, vídeos à mancheia
 E deixa que digam, que pensem, que falem.

Dessa forma, é necessário estar atento, pois como professores é possível encontrar todos os tipos de variações linguísticas em sala de aula, o uso da linguagem entre professor e aluno não será igual ao de aluno e aluno, meninos e meninas, assim como as conversas informais e suas variações devido às diferenças de circunstância. Nem por isso, devemos

desconsiderar esses falares espontâneos, pois são fruto de vivências. Devemos respeitar e valorizar a oralidade e a diferença cultural presente nas variações linguísticas. Nossa língua é nossa pátria, ou mátria como diz Caetano em seu belíssimo poema.

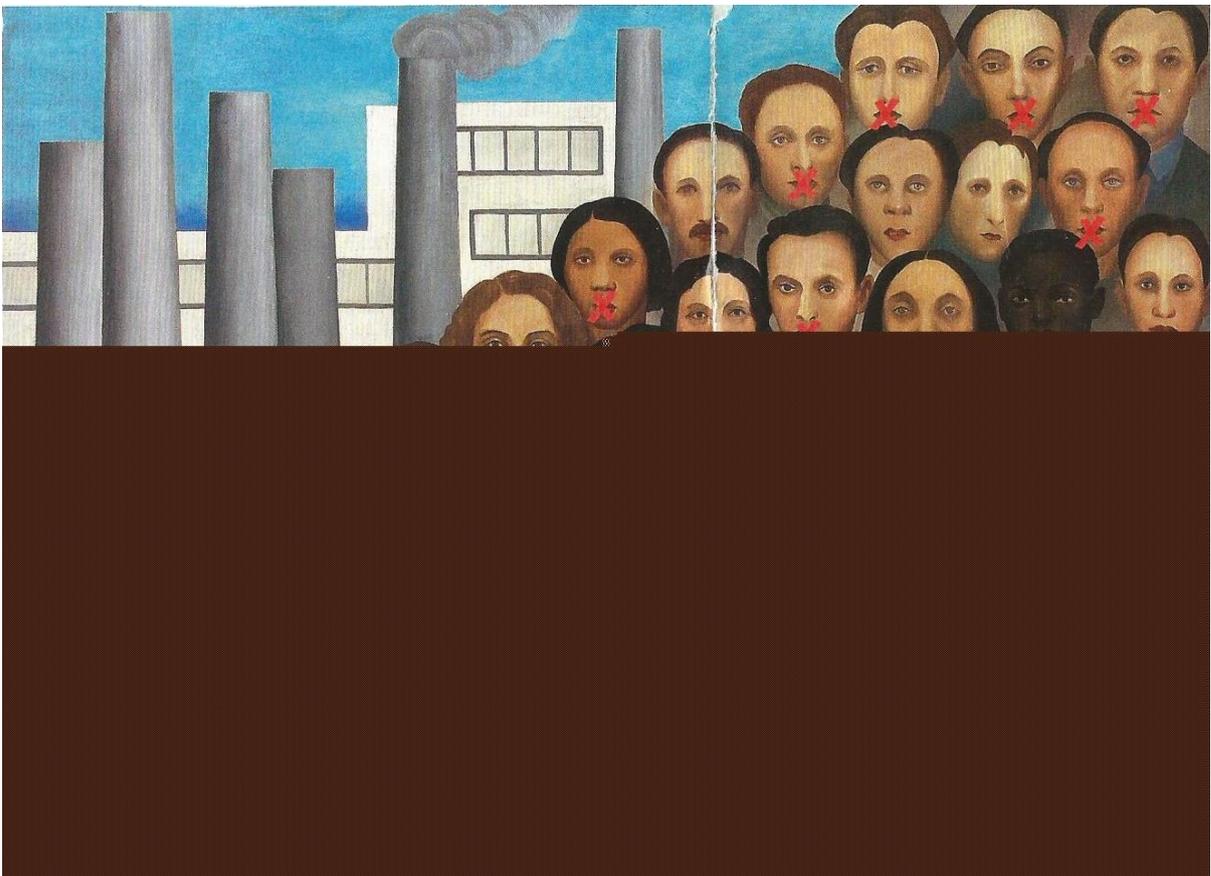
REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico como é como se faz**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 13ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007
- BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa, 3º e 4º ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARVALHO, José Augusto. **Por uma política do ensino da língua**. Porto Alegre .Mercado Aberto,1988.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**.2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- FRANCO.M.A.S. **Pedagogia da pesquisa – ação**. Educação e pesquisa. São Paulo. USP.
- JAKOBSON,R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade** .Porto Alegre:L&PM,1994
- LUFT, Celso Pedro. **Vestibular do Português**. São Paulo Ed.Globo.1974.
- PERINI .Mário A. **Sofrendo a gramática**. 3.ed.São Paulo: Ática, 2001
- PIMENTA, Selma G e FRANCO,M.A.S **Pesquisa e educação**. Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. São Paulo;Ed.Loyola,2008.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras.(1997)
- PRETI, Dino . **Sociolinguística: Os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.(1994)
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística Geral**.22.ed São Paulo: Cultrix 1999
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**, 22. ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

SIGNORINI, I. (org). **Língua (gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas (SP): Mercado de Letras, 1998. – Coleção Letramento: Educação e Sociedade.

APÊNDICES

A LÍNGUA NÃO É DOS FALANTES.



Montagem a partir da Obra Operário (1993) ,de Tarsila do Amaral: coexistência entre a heterogeneidade social e linguística.